

ARAUTOS DO REINO, MILITANTES NA TERRA: UMA ANÁLISE DA ATUAÇÃO DOS OPERÁRIOS EVANGÉLICOS NO SINDICATO DOS METALÚRGICOS DA VOLKSWAGEM DE SÃO CARLOS

Daniele de J.Oliveira (UFScar)

djo_c@yahoo.com.br

Agência financiadora: Capes

Resumo

A presente proposta tem por objetivo, investigar o comportamento dos operários protestantes (pentecostais e neopentecostais) no sindicato da montadora Volkswagen de São Carlos, mais especificamente como o discurso religioso e militante se mesclam na atuação desses trabalhadores frente às reivindicações, que por um lado incitam à práxis no mundo secular, mas por outro enquanto fiéis são orientados a ter uma postura menos combativa no mundo. No entanto com as transformações no campo religioso brasileiro há um novo ethos protestante (neopentecostal) cujas repercussões não se restringem a esfera religiosa, mas principalmente no campo político e econômico; Daí a chave para entendermos a conjuntura do complexo sindical em questão isto é Trabalho-Sindicato- Pentecostalismo.

Palavras Chave: Pentecostalismo, Sindicato, Cultura

As transformações no campo religioso brasileiro trouxeram consigo mudanças em diversas áreas, mídia, cultura, e principalmente no âmbito político; Tamanha reviravolta ocorreu devido ao aumento da população protestante impulsionada na década de 90, no entanto esse crescimento não foi homogêneo, uma vez que dos 67,3% %, isto é 9% da população, já entre os pentecostais o crescimento foi de 111,7% o que significa que foi 12 vezes mais que os protestantes tradicionais.

Esses dados são de extrema importância para nossa pesquisa, na medida em que o pentecostalismo e o neopentecostalismo possuem particularidades que dão vazão a nossa hipótese inicial, qual seja a de que o protestante (pentecostal) se difere muito do protestante histórico, em relação a participação na vida política e social, bem como do Católico, cuja interação com o mundo secular se faz presente há tempos na sociedade brasileira, sobretudo em movimentos sociais como foi no caso da luta contra a Ditadura militar, onde o papel das Cebcs (Comunidades eclesiais de base) alicerçadas na Teologia da Libertação foi fundamental.

De acordo com (Alves, 1978) o Protestantismo é analisado como uma ideologia repressora, totalitária, capitalista, que se encontra em casa num Estado capitalista e totalitário. Essa observação de Rubem Alves, ainda que date do período da ditadura, demonstra bem a visão que se tinha e que alguns autores ainda mantêm em relação aos protestantes, a de que são reacionários, e assentem nas ordens advindas do Estado sem questionamentos.

Esse traço característico do protestante histórico é fruto da excessiva preocupação em salvar sua própria alma, daí a indiferença em relação as questões transformadoras do mundo justamente por ser uma ética individual e não social.

Ela indica as marcas do comportamento do crente, adequado à sua condição de salvo; descreve os traços do caráter perfeito; delimita as fronteiras além das quais o indivíduo não deve ir, sob pena da disciplina eclesiástica e da perdição eterna. A ética social, portanto não é uma parte essencial deste universo protestante. O protestante pode dizer tudo o que deve ser dito sem se referir uma vez sequer à necessidade de transformação do mundo.

Vejam bem que essas características dizem respeito aos protestantes históricos, caso que não ocorre entre os pentecostais e os neopentecostais, na medida em que sua ação no mundo secular tem despertado não só o interesse acadêmico, mas de outras instâncias, principalmente dos partidos políticos que tem encontrado respaldo junto as Igrejas.

Essa situação peculiar do evangélico na cotidianidade contemporânea consiste no cerne da nossa proposta, pois uma vez que o envolvimento na vida política está presente. O mundo do trabalho, ou melhor, a relação do trabalhador evangélico com a atividade do trabalho, também se alterou. Sendo assim esse novo ethos do protestante pentecostal opera num sentido cuja sua ação no mundo é *condictio sine qua non* para sua salvação, mas vejamos bem que diferentemente daquela ética individual, agora esse homem fiel, e trabalhador começa a interagir nas causas sociais, nos movimentos sociais.

Feitas as seguintes colocações é que podemos entender como os operários de confissão evangélica estão aderindo as bandeiras da luta sindical em seus respectivos trabalhos, pois uma vez que a relação com a política se alterou, sendo o sindicato a instância de representação máxima dos trabalhadores, o engajamento desses trabalhadores não parece-nos, fato novo, no entanto, é essa reorientação de conduta própria do pentecostalismo e neopentecostalismo que tem impulsionado cada vez mais os trabalhadores evangélicos em aderir a luta sindical, como é o caso do Sindicato dos

metalúrgicos da Volkswagen de São Carlos.

A questão agora a ser esclarecida é como explicar a relação entre a religião e a militância sindical, todavia a nova relação entre sujeito e trabalho na postura do operário evangélico é que sustenta a atuação dentro do aparelho sindical, isto é, não podemos abrir mão da autonomia do sujeito, no entanto, percebemos que essa autonomia não significa individualismo, mas sim que novas formas ou “experiências” contribuem para a formação de uma classe operária ativa e atuante no movimento sindical, como é o caso da religião no estudo em análise.

. É neste sentido, podemos então dizer, que nossa finalidade foi realizar ao longo desta proposta de projeto, uma reflexão acerca da relação religião e militância sindical junto aos metalúrgicos da montadora Volkswagen de São Carlos. Mais precisamente como os operários de confissão protestante (pentecostais) se portam em relação à luta sindical, isto é em que medida se identificam com as bandeiras levantadas pelos trabalhadores e aderem às decisões do conjunto como um todo endossando assim as reivindicações.

A escolha do tema não nos é fortuita, sobretudo quando a transformação no campo religioso brasileiro impulsionado na década de 90 do século passado não ficou restrita à esfera religiosa, alcançando dimensões como a mídia, a cultura e principalmente o campo político e econômico.

Podemos dizer que houve uma reorientação do comportamento protestante brasileiro, com o avanço do pentecostalismo, em relação a questões consideradas seculares mudanças importantes para serem analisadas pelas Ciências Sociais.

Assim nossa investigação é motivada por questões relacionadas a Sociologia do Trabalho e da Religião, entretanto a ênfase recaí sobre a primeira, pois pretendemos analisar como os operários sindicalizados da montadora Volkswagen evangélicos vêm a luta sindical, quais os fatores motivacionais que o levam a participar ou não das campanhas do sindicato, e no caso como a religião ou o ethos protestante se vincula ao posicionamento dos operários; Não queremos dizer com isso que seja determinante, mas sim averiguar até que ponto há uma dicotomia entre operário militante\ homem religioso.

Foi assim que surgiu o interesse pelo estudo do sindicato dos metalúrgicos da Volkswagen num primeiro momento eivado pelas questões da cotidianidade dos operários que não se restringisse a teorias que foquem apenas a questão da “consciência de classe” enquanto sujeitos proletarizados, mas sim elementos outros

como a proximidade das residências, o futebol de final de semana os encontros nos bares, entre outros levou-nos a constatação de que é impossível falar do “operário de chão - de- fábrica” da montadora sem que ela esteja relacionada à variante religião, no caso em específico o protestantismo (pentecostal) entre os metalúrgicos uma vez que aparecem em número expressivo na fábrica e por sua vez no sindicato, inclusive na composição da diretoria.

Essa estreita relação religião e classe operária foi amplamente estudada por E. P. Thompson historiador inglês conhecido pelos estudos acerca da formação da classe operária inglesa, cujo enfoque na esfera, social e cultural da vida dos trabalhadores endossa a análise do operariado inglês nascente; Daí autores considerarem – no o precursor do marxismo cultural.

Ao analisar o protestantismo histórico inglês Thompson, delineia as características das diferentes éticas protestantes, mostrando-nos como a distinção doutrinária entre as seitas influenciaram ou não a classe operária vejamos alguns exemplos:

O cristianismo radical dos unitaristas, com sua preferência pela “candura” e sua desconfiança frente ao “entusiasmo”, atraía alguns artesãos e lojistas em Londres e grupos semelhantes nas cidades grandes. Mas ele parecia frio demais, distante e polido demais, e por demais associado aos valores confortáveis de uma classe em prosperidade para que conseguisse atrair a cidade ou aldeia pobre. Sua própria linguagem e tom eram um obstáculo: “Nenhuma pregação serve em Yorkshire”, contou John Nelson a Wesley, “a não ser o velho estilo que cai como um trovão sobre a consciência. Aqui, uma pregação refinada é mais prejudicial do que benéfica”. E, no entanto o velho calvinismo construíra suas próprias barreiras, que inibiam qualquer ardor evangélico. A seita perseguida, com excessiva facilidade, fez de seu exclusivismo virtude, o que por sua vez reforçou os princípios mais rígidos dos dogmas calvinistas. “A eleição” rezava um artigo da Confissão de Savoy (1658), “foi prevista sem excluir a massa ou o amontoado corrupto da humanidade” “os pobres de Cristo” e o amontoado corrupto” eram, evidentemente, a mesma gente; por outro lado, a “selvageria” dos pobres era um sinal de que viviam fora do âmbito da graça. O calvinista eleito tendeu pois a se fechar num grupo de parentes. (Thompson, 2004, p. 29)

O excerto acima faz alusão há um elemento fundamental para se compreender a postura resignada do calvinista frente às lutas da classe operária bem como dos camponeses, isto é a certeza de salvação amparada no princípio da “predestinação” pedra de toque do calvinismo. Max Weber na ética Protestante e o Espírito do Capitalismo é quem melhor analisa essa questão, mas já no contexto da racionalidade burocrática ocidental.

“E além do mais, a religiosidade devia ser o mais possível despojada do caráter puramente mágico ou sacramental dos meios da graça. Pois estes sempre desvalorizam

a ação no mundo como tendo um significado religioso na melhor das hipóteses relativo e ligam a decisão sobre a salvação ao êxito de processos racionais não cotidianos. As duas condições, desencantamento do mundo e deslocamento da via de salvação, da “fuga do mundo” contemplativa para a “transformação do mundo” ascético-ativa, só foram plenamente alcançadas – a exceção de algumas pequenas seitas racionalistas encontradas mundo afora nas grandes formações de igreja e seita do protestantismo ascético o Ocidente” (WEBER, 2003).

Percebamos que tanto Thompson quanto Weber dão relevância a religião como fator preponderante na formação social¹ de modo que suas teorias ainda que em vertentes axiológicas distintas se valem desse aspecto na análise do desenvolvimento socioeconômico. Podemos dizer que suas teorias se aproximam bastante quando se coloca a religião como elemento cultural nesse caso em Thompson o status religioso opera na categoria de “experiência” conceito importantíssimo quando se pretende entender a classe operária na atualidade principalmente quando a consciência desse proletariado não depende exclusivamente da condição de despossuídos do meio de produção, mas outros elementos que fortalecem esse laço como é o caso da religião.

A tênue relação religião, e classe operária inglesa passou por diversos momentos decisivos para esta última, na medida em que as oscilações frente a postura combativa ora exigida pela classe trabalhadora. Ora pelo grupo religioso a que pertenciam gerava uma situação complexa, isto é a alteração de sentimentos criava aquilo que o autor chama de retorno do “reino exterior” para o “reino interior”

A alma vivente e o espírito criador não são unos, mas sim divididos, uma buscando um reino fora de si, o outro a levando a olhar e esperar por um reino dentro de si, que não se corrompe com a traça ou a ferrugem e onde os ladrões não podem entrar e roubar. É um reino exterior tem que ser tirado de você próprio. (Thompson, 2004, p 30)

Ainda segundo Thompson é crucial a compreensão deste retraimento – e daquilo que apesar dele, se preservou – para a compreensão do século XVIII e de um elemento que

¹ Na análise Thompsoniana as correntes protestantes aparecem descritas de forma peculiar mostrando a ressonância dessas posturas no mundo prático operacional do trabalho entre a classe trabalhadora inglesa. E houve outras razões para esse processo. Algumas remontam à derrota dos levellers na Commonwealth. Quando se desmoronaram as esperanças milenaristas num governo dos Santos, Seguiu-se uma aguda dissociação entre as aspirações temporais e espirituais do puritanismo do homem pobre. Já em 1654, antes da Restauração, a Associação Geral dos Batistas da Salvação Geral lançou um manifesto (dirigido aos homens da Quinta Monarquia adeptos da seita), declarando que não “conheciam nenhuma razão pela qual os santos, enquanto tal, esperassem que a Ordem e o Governo do Mundo ficassem em suas mãos” antes do Juízo Final. Até lá, cabia a eles “pacientemente sofrer no mundo... do que alhures atingir a Ordem de Governo dele”. No final da Commonwealth, a tradição rebelde do antiminionismo “renunciou a todas as suas reivindicações”. Ali onde os ardentes sectários tinham se mostrado zelosos – na verdade cruéis- jardineiros sociais, agora se contentavam em dizer: “que fique o joio (se o há) em paz com o trigo...”

se manteve na política operária posterior.

Num certo sentido pode-se ver a mudança nas diferentes associações evocadas por duas palavras a energia positiva do *Puritanismo*, o recuo defensivo da *Dissidência*. Mas devemos ver também como a resolução das seitas em “pacientemente sofrer no mundo”, enquanto se abstinham de esperar atingir sua “Ordem e Governo”. Permitiu-lhes combinar o quietismo político com uma espécie de radicalismo adormecido-preservado nas imagens de sermões e versículos cantados e na forma democrática de organização, que poderia num contexto promissor, se reavivar uma vez mais. Poder-se-ia encontrar essa atitude de modo mais pronunciado entre os quacres e os batistas. (THOMPSON, 2004)

É nesse pano de fundo que a religião no caso o protestantismo histórico inglês delinea sua participação na vida da classe operária, por um lado incitando-os e por outro coibindo as manifestações e motins através do uso do evangelho, caso mais específico do calvinismo com sua rigidez doutrinária. Essa luta entre mundo interior e exterior é representada na seguinte passagem²

Segundas-Intenções: Bem, eles ... em sua jornada desatam todos os temporais; e eu sou por esperar o vento e a maré. Eles são por arriscar tudo de uma só vez por Deus; e eu sou por tomar todas as precauções em assegurar minha vida e posses. Eles são por sustentar suas opiniões, embora todos os outros homens estejam contra eles; mas eu sou pela religião onde, como e quando minha segurança possa sustentá-la. Eles são pela religião em tempos e desdém; mas eu sou por ela quando caminha em sandálias douradas, ao sol e sob aplausos.

Sr Apegado-ao-Mundo: Certamente, e mantenha-se assim, caro

Sr Segundas-Intenções. ... Sejamos espertos como as serpentes; o melhor é aproveitar a oportunidade...

Sr Poupa-Tudo: Creio que estamos todos de acordo quanto a isso, e portanto não é mais preciso fala disso.

Sr Amor-ao-Dinheiro: Não, na verdade não é mais preciso falar disso, pois aquele que não crê nem na Escritura nem na razão (e vocês vêm que temos ambas do nosso lado) não conhece sua própria liberdade nem busca sua própria segurança.

Esses dados até aqui analisados corroboram em nossa pesquisa justamente por salientar essas características dos ethos religiosos do Protestantismo histórico, evidente que alguns aspectos perduraram o tempo e estão cristalizados em alguns grupos religiosos de confissão Luterana e Calvinista, embora muita coisa tenha mudado com as transformações na sociedade.

2 Em linguagem metafórica o poema descreve essa luta entre a cruz e a espada a que o trabalhador –cristão estava sujeito no período analisado as personagens representam os sentimentos e desejos humanos, são elas: Sr. Segundas –Intenções – da –Fala-Clara, o Sr Apegado –ao-Mundo, o Sr Amor –ao –Dinheiro e Sr Poupe-Tudo, todos alunos de um mestre –escola em Amor-ao-Ganho, uma cidade comercial no distrito de Covening, no norte”. É o Sr Segundas-Intenções que condena aqueles “que são demasiado corretos”.

Como já dissemos na literatura sociológica esse comportamento conservador e por vezes reacionário persiste em relação ao protestante, todavia o protestantismo já não é mais o mesmo daquele período analisado por Thompson e Weber e no caso do Brasil a situação é mais instigante, pois a religião já não mais se refere ao âmbito privado, isto é a relação Deus-indivíduo e passa a ser uma esfera de intersecção com o mundo secularizado, e com isso o compromisso do religioso com as demandas sociais se alterou sobremaneira, principalmente entre os protestantes da terceira onda, isto é os pentecostais, cujo compromisso com o mundo do trabalho ainda tem muito de semelhante com a postura do protestante clássico, no entanto quando se trata das reivindicações por melhores condições de trabalho, aumento salarial, eleições já não se vê mais aquela postura passiva e conivente.

Essas transformações têm levado pesquisadores tanto da Sociologia da religião bem como do trabalho a repensar a atuação do “crente” no mundo.

Na medida em que as religiões que mais crescem no Brasil são as religiões de conversão, ou seja, profissões de fé nas quais as pessoas se sentem chamadas por Deus para realizar o trabalho religioso. De acordo com (PIERRUCI, 2005, p.37) “Dessa forma percebe-se um processo de mudança no campo religioso brasileiro; no qual as religiões herdadas, a que nós pertencemos por nascimento são as que estão perdendo fiéis.

Temos com isso que não só a relação indivíduo-religião-Deus sofre alterações, mas todo o campo normativo burocrático e social, visto que nessa nova configuração protestante, ainda que o fator emotivo exerça sua força, como é o caso do pentecostalismo, cuja ênfase no operar do espírito é fator preponderante, há por outro lado um aspecto racional de ação no mundo o que envolve o envolvimento em lutas sindicais e outros movimentos sociais. A partir daí começamos a perceber a importância do papel da religião nesse processo e como o protestantismo brasileiro em sua maioria pentecostal tem participado ou se omitido diante das lutas políticas no caso numa micro instância, porém de envergadura nacional que é o caso do sindicato dos metalúrgicos da Volkswagem de São Carlos conhecido por sua forte atuação na agenda sindical nacional.

O que importa-nos nessa pesquisa é apontar como o pentecostalismo enquanto ethos religioso é capaz de gerar ou interferir em processos que levem a mudanças na sua orientação e que conseqüentemente vão influir na possibilidade de atuação na própria sociedade.

Esse é um caminho em que é preciso considerar não só a especificidade da ética protestante no que se refere a uma visão de mundo própria, sobretudo porque o pentecostal se distingue em muito do protestante histórico, mas também capacidade que tem os atores de utilizar os recursos aí fornecidos de maneira inovadora.

Nesse processo é preciso ressaltar tanto a importância dos valores religiosos que norteiam cada visão de mundo, e que vão certamente configurar éticas distintas, quanto à capacidade que tem cada esfera de gerar novas leituras desses valores. Isso vai permitir que possam então ocorrer, de tempos em tempos, mudanças de orientação que têm o potencial de influir profundamente no tipo de participação promovido a partir daí, originando novos modos de inserção no contexto mais amplo, que vão além da participação religiosa em si, como pode ser verificado na análise dos momentos históricos e políticos brasileiros em relação aos grupos religiosos, e no nosso caso com os protestantes a quem a literatura por anos deu a alcunha de conservador e conivente com o sistema, quando não o velho jargão de que “crente não se envolve em política.

O surgimento da esfera social e a passagem da religião para a esfera privada não significam de modo algum a perda da importância da religião para a análise sociológica. Muito pelo contrário, pois ressalta o importante papel da religião para a sociologia em geral, uma vez que o processo de secularização não significou qualquer diminuição da relevância da religião e dos seus valores implícitos, mas sim, uma mudança, tanto interna quanto externa, da vida religiosa. Por conseguinte, no momento em que a religião deixa de ser a esfera global, é necessário seu estudo relacionado às outras esferas na diferenciação crescente desse mundo secularizado, porque a partir desse momento a religião, retirada para a vida privada, pode vir a se constituir em importante instância que leve à participação do indivíduo no mundo, isto é, na esfera social de Arendt³

Não é por outra razão que o interesse sociológico pela mudança ocorrida na esfera religiosa não deve restringir-se A descrição das mudanças ocorridas nas esferas católica e protestante, mas deve enfatizar, sobretudo, sua relação com as outras esferas da vida. Como diria Bourdieu, é preciso ver de que maneira o “habitus religioso” está presente nas respectivas visões de mundo. Isso partindo ainda da premissa de que a racionalização ocidental, que traz nova autonomia dessas esferas, não significa

3 Em A condição Humana (1993), Arendt ressalta que essa esfera é possível quando se dá a ascensão do privado no que chama de riqueza privada ou privatividade para o público o comum nas sociedades modernas, sendo muito distinto das esferas públicas (esfera da liberdade) e privada (reino das necessidades) no sentido grego e romano.

tampouco que as pessoas ajam racionalmente o tempo inteiro. Há valores religiosos que resultam ser norteadores para a formação de visões de mundo específicas, ou seja, traduzem exigências às quais os atores se vêem obrigados a seguir e que levam a uma ação social determinada, pra usar a concepção weberiana de ação orientada por valor, quando a ação não tem sentido no resultado,mas, sim, na própria especificidade e obedece a um “mandato” que o ator sente dirigido a ele.

Analisar os valores inerentes ao individualismo é um bom caminho para se relacionar o novo indivíduo que surge no processo de racionalização do mundo ocidental com o contexto sociopolítico mais amplo pode contribuir para o entendimento de como esses valores foram-se relacionando com os valores religiosos que também sofreram profundas transformações.

Habermas lembra que a racionalização cultural das sociedades modernas, que compreende os elementos cognitivos, estéticos e morais oriundos da tradição religiosa, e que inicialmente guardavam uma certa afinidade com o contexto religioso, vai trazer uma crescente tensão entre essas três esferas de valor e a visão de mundo religiosa. E essa tensão ou ainda a ausência dela é uma pista importante para a análise a que nos propusemos a realizar, quando é preciso se deter para ver de que maneira os novos valores subjacentes à concepção do operário religioso se afina ou não, com as transformações econômicas e políticas pelas quais o mundo do trabalho tem passado em que cada vez mais se pede a mobilização dos trabalhadores, papel destinado ao sindicato enquanto órgão de representação legítima da classe operária.

Do ponto de vista político os protestantes no Brasil sempre se esquivaram do envolvimento com as lutas sociais, ao passo que os católicos levantaram as bandeiras contra as injustiças, principalmente durante a Ditadura militar, com o trabalho das Cebs (comunidades eclesiais de base) alimentada pelo discurso da Teologia da Libertação.

A literatura sociológica se debruçou sobre este tema, no entanto, as transformações vieram o quadro religioso brasileiro se alterou e trouxeram mudanças significativas em relação à postura dos protestantes com a política o que parece-nos, sobretudo importante a análise, sobretudo quando da redemocratização para cá o sindicato tornou-se o principal aparelho de luta dos trabalhadores, responsáveis pelas importantes greves onde algumas pautas foram alcançadas a mobilização operária em torno dos sindicatos principalmente do ABC na Sociologia do trabalho.

Por seu lado, o movimento operário procurava se engajar na política através do Partido dos Trabalhadores onde a Igreja Católica possuía grandes expoentes da cúpula como

Dom Eugênio Arns, Frei Beto entre outros que evidenciavam o liame entre Catolicismo e militância.

Já os protestantes por seu turno começavam suas incursões pela vida política, o que por vezes garantiu-lhes a pecha de reacionários em função da postura indiferente com as causas sociais, entre elas a militância sindical.

Poderoso, unido e combativo o sindicalismo do ABC prosseguia em suas campanhas por reajuste salarial, redução da jornada de trabalho entre outros pontos da agenda, no entanto com a expansão da indústria automobilística e da metalurgia pelo interior de São Paulo a luta agora deixa de ser centralizada no grande ABC e passa a ocorrer nos sindicatos do interior, como é o exemplo da Volkswagem de São Carlos, evidente que o diálogo com os sindicatos da região do ABC não se enfraqueceu, porém agora muitas das negociações e definições das agendas são realizadas nos sindicatos regionais endossando o movimento sindical a nível nacional.

Portanto, houve mudanças em ambas esferas, isto é no campo religioso e no político onde encontra-se a questão da militância sindical, de modo que nossa hipótese é de que a religião, no caso o protestantismo em sua vertente pentecostal trouxe transformações significativas para a militância operária, na medida em que o discurso de uma ação no mundo secular está presente nas doutrinas pregadas nos templos pelos pastores e ministros eclesiásticos, que por sua vez são trabalhadores- fiéis, cuja orientação aos membros não é mais a de receptáculos de bênçãos simplesmente, mas de que devem agir no mundo dando a César o que é de César, porém tendo a consciência de que o trabalho não deve ser explorado, mas sim um meio de obter renda para o sustento.

Assim é que a motivação dos operários a que nos propusemos a investigar no Sindicato em questão tem nos dado elementos que podemos pensar a religião (pentecostal) como um grupo cuja dinâmica do ser trabalhador não reporta a uma postura de resignação, mas sim de uma práxis na esfera sindical onde se vê uma passagem do “em si para si”.

Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem. *Protestantismo e Repressão*, São Paulo, Ed Ática, 1982.

ANTUNES, Ricardo. *A rebeldia do trabalho, o confronto operário no ABC paulista, as greves de 1978\80*, São Paulo, Ensaio, 1988.

_____ *Classe operária, sindicatos e partidos no Brasil*, São Paulo, Cortez Editora, 1982.

BOITO, Armando. *O sindicalismo na Política Brasileira*, Campinas, Coleção trajetória; 2002.

FRESTON, Paul. *Entre o pentecostalismo e o declínio* Serviço Social e Sociedade, n 52, São Paulo, Cortez, 1996. *do denominacionalismo: o futuro das igrejas históricas no Brasil*. Campinas. 1996

LESSA, S. “*A centralidade ontológica do trabalho em Lukács*,

LUKÁCS.G. *Prolégomènes à l'ontologie de être social*, Paris, Éditions Delga , 2009.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola. 1999.

_____ *Igreja Universal no Brasil*. In ORO, Ari Pedro ET AL. *Igreja Universal do Reino de Deus: Os novos conquistadores da fé*. Coleção Religião e Cultura. Ed. Paulinas. São Paulo. 2003. PP. 233-248.

_____ *Per una ontologia Dell essere sociale*, Roma Riuniti, 1976\1981.

THOMPSON, E. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, vol I. 2002

_____ *-A Formação da Classe operária Inglesa: a maldição de Adão*, Paz e Terra, vol II. 2002.

_____ *A Formação da Classe Operária Inglesa: A força dos trabalhadores*, Paz e Terra, vol III. 2002.

_____ *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____ *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. In: (Org) NEGRO, Antonio Luigi & SILVA, Sergio. *Textos Didáticos*. n. 10, v.1. UNICAMP. Campinas,

1998.

WEBER, Max. A Ética Protestante e o “Espírito do Capitalismo”, São Paulo, Companhia das Letras, 2004.